

Marcelo Máximo Purificação
Ivonete Barreto de Amorim
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)



Filosofia: Aprender e Ensinar 2

Atena
Editora

Ano 2020

Marcelo Máximo Purificação
Ivonete Barreto de Amorim
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)



Filosofia: Aprender e Ensinar 2

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F488 Filosofia [recurso eletrônico] : aprender e ensinar 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Ivonete Barreto de Amorim, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-06-1

DOI 10.22533/at.ed.061200402

1. Filosofia. 2. Fenomenologia. 3. Indústria cultural. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Amorim, Ivonete Barreto de. III. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da.

CDD 142.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro Filosofia: Aprender e Ensinar 2 é uma obra elaborada em várias mãos, cujo resultado, são textos acadêmicos que permeiam o campo da filosofia e as possíveis contribuições dessa área do saber para a Educação. Aprender e ensinar, são o verso e o reverso de um processo que tem no centro a filosofia e a educação, estabelecendo uma relação dialógica entre si. Uma relação, pela qual deve transitar também, a ação colaborativa e participativa do ato de fazer, tornando assim, uma ação coletiva.

O livro, está organizado em cinco capítulos pelos quais perpassam os temas: As iluminações literárias de Walter Benjamin em o Surrealismo; Complexidade e outros paradigmas – introdução à análise comparativa; Games e gamificação como estratégia de aprendizagem filosófica; O ensino de filosofia e as possíveis formas e funções do livro didático e, Progresso, memória e identidade entre o moderno e o pós-moderno: um diagnóstico do tempo perdido. Isto dito, percebe-se que esta obra, tem forte potencial de socialização do conhecimento e bravas contribuições para área da Ciências Humanas, podendo assim potencializar o pensamento de professores, estudantes e todos que buscam alargar o diálogo com a Filosofia.

Desejamos a todos e todas, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação

Ivonete Barreto de Amorim

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS ILUMINAÇÕES LIBERTÁRIAS DE WALTER BENJAMIN EM O SURREALISMO	
Matheus Silveira dos Santos	
Ana Maria Oimenta Hoffmann	
DOI 10.22533/at.ed.0612004021	
CAPÍTULO 2	14
A COMPLEXIDADE E OUTROS PARADIGMAS – INTRODUÇÃO À ANÁLISE COMPARATIVA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0612004022	
CAPÍTULO 3	23
GAMES E GAMIFICACAO COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM FILOSÓFICA	
Mateus Geraldo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.0612004023	
CAPÍTULO 4	47
O ENSINO DE FILOSOFIA E AS POSSÍVEIS FORMAS E FUNÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO	
Valmir Pereira	
Franklin Silva Pontes	
DOI 10.22533/at.ed.0612004024	
CAPÍTULO 5	56
PROGRESSO, MEMÓRIA E IDENTIDADE ENTRE O MODERNO E O PÓS-MODERNO: UM DIAGNÓSTICO DO TEMPO PERDIDO	
Cleidson de Jesus Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.0612004025	
SOBRE OS ORGANIZADORES	69
ÍNDICE REMISSIVO	71

A COMPLEXIDADE E OUTROS PARADIGMAS – INTRODUÇÃO À ANÁLISE COMPARATIVA

Data de aceite: 27/01/2020

Adelcio Machado dos Santos

Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento (UFSC). Docente, pesquisador e orientador nos Programas de Pós-Graduação “Stricto Sensu” em Desenvolvimento e Sociedade e em Educação da Uniarp. E-mail: adelciomachado@gmail.com

RESUMO: O paradigma da complexidade foi recentemente desenvolvido por Edgar Morin, constitui um dos mais utilizados na investigação e compreensão dos problemas que dizem respeito ao campo científico. A complexidade deve ser considerada como um desafio para pensar de modo organizacional, possibilitando programar e esclarecer os fatos. O problema da complexidade constitui um esforço para conceber um incontornável desafio lançado pelo real, respeitando-se as diferentes dimensões do fenômeno estudado. Esse paradigma obriga a unir noções que se excluem no âmbito do princípio da simplificação, sendo que a ele estão ligadas noções contraditórias, as quais são desorganizadas ou organizadas na medida em que se desenvolve a relação entre o observador e o objeto. O paradigma da complexidade possui diferenças em relação a outros paradigmas precedentes como o positivista, no qual o pesquisador se coloca

numa situação de isenção diante da realidade; o fenomenológico, que parte da perspectiva de que o mundo e o real são construídos socialmente recebendo um significado a partir do próprio sujeito; o estruturalista, que busca a explicação da realidade em todos os seus níveis com base na noção de estrutura; o materialismo histórico-dialético, que sustenta que o mundo é dialético e a essência do materialismo dialético não pode ser entendida fora da sua unidade com o materialismo histórico. Assim, verificar-se-á qual é a relação que existe entre estes diferentes paradigmas e o paradigma da complexidade.

PALAVRAS-CHAVE: Paradigma; complexidade; método comparativo.

COMPLEXITY AND OTHER PARADIGMS – INTRODUCTION TO A COMPARATIVE ANALYSIS

ABSTRACT: The paradigm of complexity was recently developed by Edgar Morin and constitutes one of the most used methods in investigation and comprehension of the problems which concern scientific field. Complexity must be considered as a challenge to think an organizational way, making it possible to program and clarify facts. The problem of complexity constitutes an effort to conceive an unbearable challenge released by the real,

respecting the different dimensions of the phenomenon studied. This paradigm makes us to link notions which get excluded in the context of the principle of simplification, being that some contradictory notions, which are disorganized or get organized as a relationship between observer and object gets developed, are linked to that principle. The paradigm of complexity has differences in relation to other preceding paradigms like the positivist, in which the researcher puts himself in a situation of independence before the reality; the phenomenological, which goes from the perspective that the world and the real are socially built, receiving a meaning from the subject itself; the structuralist, which searches for an explanation of the reality in all its levels based on the notion of structure; the dialectical-historical materialism, which sustains that the world is dialectical and the essence of dialectical materialism can not be understood out of its unity with historical materialism. So, one will be able to verify which relation will there be among these different paradigms and the paradigm of complexity.

KEYWORDS: science – paradigm – complexity – positivism – structuralism – materialism – phenomenology

INTRODUÇÃO

O paradigma constitui o fundamento sobre o qual a comunidade científica desenvolve suas pesquisas, as quais servem de base para os desenvolvimentos subsequentes da ciência. Um paradigma se compõe de regras que orientam a investigação científica, uma vez que se estabelece um determinado paradigma a pesquisa avança na solução de problemas.

Pádua (1996) define o paradigma como um exemplar, um modelo padrão, sobre o qual é efetuada a construção idealizada que serve para análise ou avaliação de uma realidade concreta. Assim, um paradigma é uma forma predominante e específica de explicação da realidade em um determinado momento, orientando a prática dos pesquisadores, suas relações com o trabalho, a cultura e organização social.

À medida em que tem início o aparecimento de anomalias em um paradigma, que comprometem a objetividade e exatidão da pesquisa científica e cuja solução torna-se inviável em termos teóricos, produz-se uma “quebra” de paradigma e sua consequente substituição por outro.

Deste modo, segundo Kuhn (2001), ocorrem às revoluções científicas que decorrem da crise de fundamentos em um paradigma produzindo o deslocamento de uma visão predominante até aquele momento e a necessidade de elaboração de novos paradigmas para guiar a pesquisa da comunidade científica.

Na concepção de Kuhn (2001) o desenvolvimento constante da ciência deve-se as anomalias que conduzem ao falseamento de teorias científicas e às mudanças de paradigmas.

Na sociedade contemporânea, o paradigma da complexidade constitui um

dos mais importantes, utilizado na investigação e compreensão dos problemas relacionados ao campo científico.

Todavia, a problemática da complexidade ainda é recente no pensamento científico, epistemológico e filosófico.

DESENVOLVIMENTO

Entende-se por complexidade aquilo que é complicado, imbricado, incompreensível, problemático, obscuro, confuso e, portanto, o que não poderia ser descrito. Alguns dos que reconhecem essa complexidade admitem que ela pode encontrar sua explicação básica em alguns princípios simples possibilitando a combinação quase infinita de alguns elementos simples. Porém, o paradigma da complexidade defende que a realidade não pode ser simplificada.

Na concepção de Morin (2002) a complexidade deve ser considerada como um desafio ou como uma motivação para pensar, que, assim como a simplificação possibilita programar e esclarecer. O problema da complexidade constitui, primeiramente, um esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança à mente do cientista.

Além disso, a complexidade também não deve ser confundida com a completude, pois o problema da complexidade não é o da completude, mas o da incompletude do conhecimento, assegura Morin (2002).

Neste sentido, o pensamento complexo procura dar conta daquilo que os diferentes tipos de pensamento mutilante se desfazem, ou seja, o objetivo da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre as disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento.

Assim, o paradigma da complexidade não pretende fornecer todas as informações acerca de um fenômeno estudado, mas respeitar suas diferentes dimensões.

Morin (2002) argumenta que a complexidade emerge como uma dificuldade e como incerteza e o problema consiste em saber se há uma possibilidade de responder a desafio proposto pela incerteza e pela dificuldade.

O desafio atrelado à complexidade faz renunciar ao mito de uma elucidação total do universo, incitando, porém, a engajar-se na aventura do conhecimento obtido por intermédio do diálogo com o universo.

Esse diálogo com o universo constitui a própria racionalidade que elimina a eventualidade, a desordem e contradição do campo da pesquisa científica, no intento de abranger o real dentro de uma estrutura de idéias coerentes. Deste modo, o conhecimento complexo permite desenvolver no mundo concreto o real de cada fenômeno.

Morin (2002) assegura que o paradigma da complexidade não possui uma metodologia, mas pode ter seu método com base na idéia de “lembrete”. Isto significa que a complexidade pede para pensar em conceitos, sem nunca pensá-los como concluídos ou fechados, para que se possa restabelecer as articulações entre o que foi separado e, assim, compreender a multidimensionalidade, pensando na singularidade com a localidade, sem nunca esquecer as totalidades que integram todo o pensamento sistemático.

A complexidade também envolve o pensar de modo organizacional, compreendendo que esta organização não se resume a alguns princípios de ordem ou leis, mas a organização necessita de um pensamento extremamente elaborado. Um pensamento de organização que não inclua a relação auto-organizadora, intimamente relacionada com o meio-ambiente.

Pois, para Morin (2002), os aspectos da crise na atualidade decorrem do estado desorganizado das idéias humanas, dominadas por conceitos, teorias e doutrinas por ela mesma produzidas. Assim, é essencial para enfrentar os problemas enternecedores dos dias atuais o estabelecimento de diálogos entre as mentes e suas realizações construídas em idéias e sistemas de idéias.

A complexidade não está atrelada ao fenômeno do real, mas em seu próprio princípio.

Conforme Morin (2002), o fundamento físico daquilo que é chamado de realidade não é simples, mas complexo. Neste sentido, por exemplo, o paradigma da complexidade defende que o átomo não se constitui como uma substância simples, apesar de ser uma partícula elementar não é uma unidade primeira que representa simplicidade, visto que oscila entre o ser e o não ser, podendo conter componentes cuja natureza não é isolável.

Ao mesmo tempo, em um nível macroscópico, a simplicidade também não se faz inerente à realidade, pois o universo não se apresenta de forma totalmente ordenada. O que se verifica no mundo é uma realidade ambígua, isto é, disseminada, mas também concentrada, desintegrada, mas ao mesmo tempo organizada, constituindo assim a complexidade que não pode ser simplificada.

O paradigma do sistema da complexidade, também complexo, obriga a unir noções que se excluem no âmbito do princípio da simplificação ou redução, ou seja, a ele estão atreladas as noções contraditórias, como uno e múltiplo, todo e partes, sendo que estas noções são desorganizadas ou organizadas à medida em que se desenvolve a relação entre o sujeito (observador) e o objeto (sistema observado).

Essa relação entre sujeito e objeto é complexa, pois estabelece uma implicação mútua e uma conjunção necessária entre noções classicamente distintas assegura Morin (2002). O paradigma da complexidade estabelece uma relação entre as noções de sistema, organização, existência e ser.

Não obstante, esse sistema também é complexo pelo fato de introduzir uma causalidade complexa, mormente a idéia de econautocausalidade, sendo a autocausalidade, uma causalidade externa e recorrente, na qual o processo organizador é responsável por elaborar os produtos, ações ou efeitos substanciais à sua própria geração ou regeneração.

Conforme o paradigma da complexidade, aquilo que em um primeiro momento pode parecer desordem, ao ser analisado através do sistema de pensamento complexo pode tornar-se organizado.

Desta forma, citando-se o exemplo apresentado por Morin (2002), à primeira vista, o céu estrelado impressiona por sua desordem, constituindo-se por um amontoado de estrelas, dispersas ao acaso. Porém, ao olhar mais atento, aparece a ordem cósmica, imperturbável, que pode ser observada a cada noite, com cada estrela em seu lugar e cada planeta realizando seu ciclo impecável.

Contudo, surge um terceiro olhar que exige uma concepção conjunta das noções de ordem e desordem, sendo que para tanto é necessária uma binocularidade mental, uma vez que se pode ver um universo que se organiza por intermédio de sua própria desintegração. Assim, a ordem e a desordem ou organização e desorganização estão intimamente ligados no paradigma da complexidade.

Esse paradigma contraria o paradigma positivista no qual o pesquisador se coloca numa situação de isenção diante da realidade. A teoria positivista, sustenta Mora (2001), designa a doutrina que tem por base a análise de fatos e realidades concretas, acessíveis ao órgãos dos sentidos por meio da experiência empírica.

Através do paradigma da complexidade a ciência se desenvolve por intermédio do pensamento complexo, constituído com base no diálogo que não se baseia em teorias e doutrinas fechadas, assim o pesquisador não pode ser isento, pois se estabelece uma interação necessária o sujeito e o objeto da pesquisa.

Conforme Freitas (2003) o paradigma positivista possui a convicção de que a realidade é objetiva e apreensível, considerando a ciência como um conhecimento verdadeiro, positivo, obtido em meio à condições controladas através da ação dos sentidos. Essa perspectiva acaba por separar vida e ciência, agir e conhecer, realidade e homem, negando uma interação entre o homem e a organização universal.

A partir dessa concepção torna-se inviável pensar a pesquisa como um encontro entre sujeitos, uma vez que a relação é a de um sujeito observador que deve suspender sua subjetividade, por intermédio da adoção de atitudes neutras para enfrentar um objeto explicado por suas relações de causa e efeito.

No campo das ciências humanas torna-se mais difícil à aplicação do paradigma positivista, pois o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo de uma realidade complexa, que se constrói com base na idéia da inseparabilidade da ordem e da desordem.

Neste sentido, Roesch (1999) argumenta que o positivismo concebe o mundo social como algo exterior ao homem, e suas propriedades devem ser medidas através de métodos objetivos, que enfatizam a utilização de dados padronizados.

No entendimento de Freitas (2003), a finalidade do paradigma positivista é a investigação, a explicação, o controle, a predição, a formulação de leis e regras gerais, considerando a realidade como objetiva e apreensível focalizando a relação do sujeito conhecedor com o objeto de pesquisa como neutra, independente de valores, uma vez que o que interessa no paradigma positivista reside na explicação causal, nas generalizações e análises dedutivas, quantitativas, centralizadas nas possibilidades de reprodução do evento.

Além disso, Roesch (1999) observa que o paradigma positivista é reducionista, ou seja, problemas como um todo são mais bem compreendidos se eles são reduzidos a elementos mais simples possíveis.

Tal fato contraria o paradigma da complexidade que admite uma realidade complexa e fragmentada que não pode ser simplificada com base em leis gerais, concluídas, sendo que a explicação dos eventos só é dada através da união de noções que se excluem no âmbito do princípio de simplificação e redução.

Já o paradigma fenomenológico, segundo Roesch (1999) parte da perspectiva de que o mundo e o real não são objetivos e externos ao homem, mas construídos socialmente recebendo um significado a partir do próprio sujeito.

Dentro dessa concepção o objetivo do pesquisador não é levantar fatos e medir a frequência de certos padrões, mas apreciar as diferentes construções e significados que são atribuídos pelas pessoas a sua experiência, buscando fundamentar seus comportamentos.

Mora (2001) expõe que a fenomenologia compreende um “método” e um “modo de ver”. Ambos estão estreitamente relacionados porque o método se constitui mediante um modo de ver, e este se torna possível por meio do método. O paradigma fenomenológico ultrapassa os limites das abordagens empírico-analíticas.

Ommati (2003) sustenta que o paradigma fenomenológico enfatiza a necessidade de reconhecer que toda experiência está sujeita à interpretação, cuja dimensão pode ser subjetiva ou objetiva. A fenomenologia procura penetrar na situação em si mesma, por intermédio de um método de clareamento que permite a emergência de significados que podem ser analisados e partilhados, colocando-se antes de toda crença e de todo juízo para explorar de forma simples o objeto em questão. Já o paradigma da complexidade não pretende separar o ser, da existência e da vida, ocultando a riqueza do real.

Admite-se, no paradigma fenomenológico, a criação, comunicação e modificação de conceitos através de processos de interação social. Assim, certos aspectos da fenomenologia convergem com a teoria da complexidade, ao admitir a realidade como

algo não externo ao homem, bem como a modificação dessa realidade inacabada, complexa e caracterizada por movimentos entre o todo e as partes, impulsionando o movimento da ordem e da desordem.

O paradigma estruturalista busca a explicação da realidade em todos os seus níveis com base na noção de estrutura, afirma Gil (1994).

O estruturalismo parte do pressuposto de que cada sistema é um jogo de oposições, presenças e ausências, constituindo um sistema onde o todo e as partes são interdependentes, de tal forma que as modificações que ocorrem num dos elementos constituintes implica a modificação de cada um dos outros do próprio conjunto. Esse sistema deve ser construído de modo que seu funcionamento possa explicar todos os fatos observados.

O paradigma estruturalista opõe-se ao empirismo pois, enquanto que este segundo concebe a realidade como singular e revelada em decorrência da experiência sensível, fazendo com que o objeto passe a ser o que é, o primeiro sustenta que o fato isolado, enquanto tal não possui significado.

A concepção estruturalista propõe a observação dos fatos em si mesmos e em sua relação com o conjunto. Por outro lado, exige o estudo imanente das conexões essenciais das estruturas independentemente de sua gênese ou de suas relações com o que é exterior a elas.

Assim, de acordo com Gil (1994) no modelo do estruturalismo, parte-se da investigação de um fenômeno concreto, atingindo o nível do abstrato pela representação de um modelo representativo do objeto de estudo, para então retornar ao concreto como uma realidade estruturada. Isto parece opor-se ao que propõe o paradigma da complexidade, visto que este não pretende dissolver ou separar a existência, o ser e a vida, bem como dissolvê-los na abstração sistêmica, ocultando a riqueza da realidade organizada complexamente. Mas, pelo contrário o ser, a existência e a vida surgem necessariamente sobre o efeito do desenvolvimento do conceito complexo de sistema/organização.

O paradigma do materialismo histórico-dialético sustenta que o mundo é dialético e a essência do materialismo dialético não pode ser entendida fora da sua unidade com o materialismo histórico. Nesta concepção, o conhecimento científico, se desenvolve e evolui conforme os interesses e propósitos da própria ciência, pressupondo que há independência da matéria em relação ao pensamento e que, a construção do pensamento, enquanto apropriação da matéria, se dá através da prática social. Assim, parte-se para a observação do movimento e da contraditoriedade do mundo, dos homens e de suas relações (ESCOBAR, 2003).

Gomes (2003) afirma que a dialética corresponde a uma visão de que a natureza humana é conformada por relações sociais que indivíduos produzem em contextos históricos definidos. Os movimentos da realidade são atribuídos ao conjunto de

relações concretas que os homens estabelecem entre si para produção da sua existência material e social. materialismo histórico-dialético

O pressupostos do materialismo histórico-dialético criticam à visão estática da realidade assumida pelo positivismo e pela fenomenologia, visto que estas escondem o caráter dinâmico e histórico da mesma. Assim, o materialismo histórico-dialético, preocupa-se em desvendar as contradições apresentadas pelo real, manifestadas no conflito de interpretações e interesses, para propor então modos de superação, no sentido de transformar a realidade resgatando sua dimensão histórica.

Pode-se afirmar que a idéia de desvendar as contradições apresentadas pelo real corresponde à noção de ordem e desordem, organização e desorganização contida no conceito do paradigma da complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paradigma da complexidade está relacionado à idéia de diálogo, isto é, o conhecimento e o progresso da ciência só são possíveis através do constante diálogo com o universo real. Diálogo este, efetuado através de um pensamento organizado que não concebe os conceitos, teorias e doutrinas como concluídos.

O diálogo do pensamento complexo entre as mentes e suas produções representa a civilização das mentes, indispensável para obter uma melhora nas relações humanas.

O paradigma da complexidade insurge contra a idéias de que aquilo que é complexo pode ser solucionado através da relação de continuidade e da combinação entre alguns princípios simples, os quais possibilitam a compreensão ao mesmo tempo da unidade e da diversidade concernentes a realidade humana. A complexidade não pode ser simplificada.

A complexidade envolve uma implicação mútua que tem por base uma conjunção entre noções como sistemas, organização, existência e ser, as quais nas teorias paradigmáticas clássicas, como positivismo, fenomenologia, estruturalismo e materialismo histórico-dialético.

O paradigma da complexidade não pretende dissolver ou separar a existência, o ser e a vida, bem como dissolvê-los na abstração sistêmica, ocultando a riqueza do real e provocando sua manipulação sem controle. Pelo contrário, o ser, a existência e a vida emergem sobre o desenvolvimento do conceito complexo com base no jogo de suas interações empenhadas com o todo.

Em suma, é um paradigma que propõe uma organização complexa do pensamento e da ação, através de uma nova racionalidade que permite conceber a organização e a existência. A organização não constitui uma instituição, mas uma atividade regeneradora e geradora permanente em todos os níveis, que se utiliza da

elaboração de estratégias, da computação, da comunicação e do diálogo.

REFERÊNCIAS

ESCOBAR, Micheli Ortega. **A produção de conhecimento em educação física e o materialismo histórico-dialético como método.** Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/destaques/micheli_ortega.htm> Acesso em:12/nov./2003.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A pesquisa na perspectiva sócio-histórica: um diálogo entre paradigmas.** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/outrostextos/semariateresaassuncaoofreitas.rtf>.> Acesso em:12/nov./2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES Alberto Albuquerque. **Considerações sobre a pesquisa científica:** em busca de caminhos... Disponível em: <<http://www.unitoledo.br/intertemas/volume5/GOMES,AlbertoAlbuquerque.doc>> Acesso em:12/nov./2003.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de filosofia.** Tomo II e III. São Paulo: Loyola, 2001.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

OMMATI, José Emílio Medauar. **Paradigmas Bioéticos:** Relação com os Grandes Paradigmas do Direito Constitucional? Disponível em: <<http://www.reitoria.ufmg.br/pj/artigos/pag30.html>> Acesso em:12/nov./2003.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia de pesquisa:** abordagem teórico-prática. Campinas: São Paulo, 1996.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Anarquismo 1, 3, 6, 7, 8, 9, 11, 13

Aprendizagem 23, 24, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 43, 44, 46, 51

C

Comparativo 14

Complexidade 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 38

E

Embriaguez 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10

Ensino de filosofia 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 53, 54, 55

G

Games 23, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44

Gamificação 23, 26, 27, 28, 29, 34, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 46

H

História da filosofia 26, 40, 42, 46, 47, 53

I

Identidade 26, 56, 62, 67, 68

Iluminação profana 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13

L

Livro didático 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55

M

Memória 40, 56, 69

Método 5, 14, 17, 19, 22, 39, 45, 60

P

Paradigma 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 39, 64

Pnld 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55

Progresso 11, 21, 31, 56, 57, 59, 60, 63, 64

S

Surrealismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

T

Transposição didática 47, 51, 52, 55

 **Atena**
Editora

2 0 2 0